

## **Discurso de transmissão do cargo para a nova diretoria em 26/6/2015**

Prezadas e Prezados Colegas, componentes da Mesa, demais presentes:  
boa noite a todos!

Quero agradecer a presença de cada uma e de cada um de vocês e, em especial, de todas as entidades aqui representadas.

Esse é um momento de alegria, de satisfação. Renova-se a diretoria da Adusp e temos certeza de que esse renovar revigora a entidade e sua responsabilidade frente às muitas lutas que ela tem abraçado.

Quando tomamos posse no mandato que agora se encerra, registrávamos o grave cenário de exclusão das parcelas majoritárias da sociedade quanto aos direitos sociais básicos diante da crescente apropriação da estrutura do estado republicano por interesses particularistas vinculados aos setores que se beneficiam do excludente modelo econômico vigente.

Dávamos destaque ao quadro não menos preocupante que se desenhava em relação às nossas instituições públicas de ensino superior sob constante ameaça, tanto por falta de financiamento adequado pelo Estado, quanto pela privatização interna e pelo controle exercido pelas agências financiadoras de pesquisa.

No caso da USP víamos se aprofundar o descompromisso da administração quanto aos mais mezinhos princípios de gestão democrática, de transparência ou de relacionamento respeitoso com o corpo da universidade.

Enfatizávamos que, na USP, não se admitem eleições ou consultas que efetivamente envolvam os docentes, funcionários e estudantes; que a estrutura de poder se desfigura frente à presença desinibida de gestores das fundações privadas autodenominadas “de apoio” e de outros entes privados, em absoluto desrespeito aos princípios elementares da administração pública; que o fetiche da propalada “excelência” e as últimas mudanças introduzidas na estrutura da carreira impõem a competição e ao invés de favorecer a cooperação entre pares; que não se

respeita o direito de acesso a informações; que as políticas de inclusão de minorias étnicas e sociais permanecem pífias e que, cada vez mais, os ocupantes da Reitoria sentem-se à vontade para tratar questões reivindicatórias à base de repressão ao invés de diálogo e negociação.

Passados dois anos e mesmo tendo em mente a tenacidade com a qual a Adusp e parte do corpo da universidade enfrentaram essas questões e aquelas que estavam por se colocar, como a gravidade da crise e dos crimes ambientais havidos — e ainda não solucionados — na EACH, esse quadro não melhorou. Lamentavelmente, agravou-se.

Nesse enfrentamento ganharam lugar de destaque os embates da greve de 2014, que além de vitoriosa na conquista de pautas específicas do movimento foi fundamental para desvelar o mesmo e velho caráter oligárquico da atual administração.

Como registramos no discurso de abertura da aula magna da professora Marilena Chauí, atividade da greve sobre a universidade brasileira, proferida em 8/8/2014:

*“Não temos dúvidas quanto à gravidade da crise que estamos vivendo e quanto à dimensão do enfrentamento assumido por todos que fazem ou apoiam a greve, diante do ataque explícito da Reitoria e do governo estadual à concepção que sempre defendemos: de implantação e desenvolvimento de uma universidade democrática, pública, gratuita, laica e de qualidade socialmente referenciada. Uma universidade que contribua na construção efetiva de um sistema público de ensino superior cada vez mais igualitário no estado de São Paulo.*

*Contudo, não é novidade o descompromisso da estrutura oligárquica de poder da USP com essa concepção. Mas é escandaloso o modo acelerado com o qual a administração da universidade tem se desacoplado do corpo da universidade e se sente à vontade para governar à revelia de qualquer preocupação com legitimar suas diretivas, ou sequer chancelá-las nas instâncias internas de deliberação, por mais inadequadas que sejam.*

*O processo que chegou a ser referido como “a rebelião dos diretores”, que conduziu ao esquema de transição nos marcos da reunião do Conselho*

*Universitário de 1º de outubro de 2013, supostamente para nos salvar da perspectiva de continuidade da descontrolada gestão anterior, acabou por definir um amplo espectro de apoios para uma candidatura que, como todos podem constatar, nos outorgou antes um tirano do que um reitor.”*

A tirania por nós denunciada naquele momento confirmou-se. Tem crescido e revela-se cada vez mais destruidora ao incidir em questões fundamentais para a USP e a vida acadêmica. Veio à tona nas primeiras agressões ao RDIDP e continuou aparecendo em propostas "salvadoras" conduzidas de modo totalmente irresponsável, a toque de caixa, como a absurda iniciativa de desvinculação do HU e do HRAC; o Programa de Incentivo à Demissão Voluntária (PIDV), que desfalcou setores inteiros da universidade; a ampliação das terceirizações e outras medidas e atitudes.

Exemplos esclarecedores do perverso *modus operandi* da atual gestão da Reitoria são a instituição do GT Atividade Docente e seus planos elaborados quase sigilosamente, à revelia da comunidade docente; a usurpação por parte da CERT de competências que não detém — e por decorrência os ataques aos projetos acadêmicos das unidades, bem como o desrespeito aos docentes em regime de experimentação; em suma: o modo leviano de intimidar o corpo docente e, concomitantemente, buscar abrir espaço para mudanças na carreira, solapando a relevância do RDIDP.

Para as ações políticas dos funcionários técnico-administrativos e dos estudantes, sempre a mesma e pronta resposta: sindicâncias e processos administrativos, no lugar da necessária interlocução. E isso, enquanto, essa mesma gestão capitaneada por M.A. Zago e V. Agopyan sinaliza um acordo de paz com a gestão anterior (**que antes chegou a criticar abertamente**) ao justificar, em ofícios ao Ministério Público Estadual, as disparatadas aquisições de imóveis e contratações de obras celebradas entre 2010 e 2013; e ao silenciar, até agora, quanto à proposição da pena simbólica de 30 dias de suspensão para o ex-diretor da EACH, comprovadamente um dos responsáveis pelo crime ambiental perpetrado contra aquele *campus* e sua comunidade.

Continuar a travar o embate contra esse estado de coisas, que tantas incertezas enseja, é tarefa coletiva, que só assim pode ser conduzida.

Por isso nossos créditos a todos que compõem a nossa entidade como filiados, aos membros das nossas instâncias de organização e de nosso Conselho de Representantes, àqueles que assumem responsabilidade pelos encaminhamentos da entidade debatendo e deliberando nas nossas assembleias, aos colegas que muitas vezes de modo anônimo emprestam sua competência e dedicação às nossas Comissões e Grupos de Trabalho, que têm cuidado das questões ligadas à CERT, à carreira e à educação, ou que participam como delegados e observadores dos eventos do Andes, nosso Sindicato Nacional.

Também é preciso mencionar com todo respeito a dedicação dos nossos funcionários, tanto na sede da capital, como os que desempenham suas funções nas Diretorias Regionais dos *campi* do interior, sem os quais não poderíamos executar nosso trabalho, e que a ele têm se dedicado com o maior desvelo.

É nesse contexto e com a certeza de continuar caminhando nessa perspectiva que, com imensa alegria, passo a direção dessa mesa à nova diretoria eleita da Adusp que toma posse para o mandato que se inicia a partir de primeiro de julho de 2015, na figura de seu presidente, o companheiro de tantas jornadas e querido amigo, professor César Minto.

Ciro Teixeira Correia  
São Paulo, 26/06/2015